

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE PSICOLOGIA

NATALY MENDES NUNES CANTERI

R.S.I.: A TRINDADE INFERNAL LACANIANA

CORUMBÁ - MS

2024

NATALY MENDES NUNES CANTERI

R.S.I.: A TRINDADE INFERNAL LACANIANA

Trabalho apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Rômulo Ballestê Marques dos Santos.

CORUMBÁ - MS

2024

NATALY MENDES NUNES CANTERI

R.S.I.: A TRINDADE INFERNAL LACANIANA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte das exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Corumbá, 16 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rômulo Ballestê Marques dos Santos
Orientador

Prof.^a. Dr^a Carolini Cássia Cunha Bezerra

Prof. Dr. Luis Fernando Galvão

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da minha família – Dalva, Vanessa, Delza e Terezinha – que contribuíram para quem sou hoje e são o alicerce da minha vida.

À minha psicanalista Eloisa que ouve e acolhe a minha subjetividade e é uma inspiração para mim (ah, o amor de transferência!).

Ao meu esposo Rafael que com amor e carinho esteve ao meu lado durante todo o meu percurso acadêmico.

À minha professora Carolini, que também me orientou no estágio em Psicologia Clínica, acompanhando de perto o meu início na clínica psicanalítica lacaniana.

Ao meu professor e orientador Rômulo que acreditou em meu potencial e me manteve motivada durante o desenvolvimento desse trabalho.

Às amigas construídas que tornaram esta caminhada mais leve e especial, e que levarei para toda a vida.

A todos os professores que ao longo do curso me ajudaram a construir uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo.

“A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas — volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a noção, construção e composição da trindade infernal lacaniana. Tal tríade é composta por registros definidos por Lacan como os essenciais da realidade humana, a saber: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Como ponto de partida, realizou-se uma pesquisa para compreender as razões pelas quais Lacan utilizou os termos "trindade" e "trindade infernal". Essa investigação permitiu traçar um percurso que conecta o pensamento trinitário aos registros. Dessa maneira, o primeiro capítulo introduz e contextualiza a trindade como estrutura fundamental tanto na linguagem quanto na cultura e na psicanálise, explicitando o contraste em relação à lógica binária. O segundo capítulo aborda as contribuições de Lacan à psicanálise, destacando o uso da topologia em seu ensino. Por fim, o terceiro capítulo descreve os registros que compõem a trindade infernal lacaniana.

Palavras-chave: R.S.I., Lacan, trindade infernal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O PENSAMENTO TRINITÁRIO	9
2. LACAN E A TOPOLOGIA	14
3. A TRINDADE INFERNAL	26
3.1 Imaginário	26
3.2 Simbólico.....	29
3.3 Real.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A ideia de trindade desempenhou um papel central em diferentes sistemas e pensamento, sejam eles religiosos, filosóficos ou psicanalíticos (Dufour, 2000). O pensamento trinitário é, portanto, um alicerce que atravessa e organiza o discurso humano, operando como uma tentativa de articular presença, ausência e relação no universo simbólico.

Jacques Lacan introduz sua "trindade infernal" como uma estrutura que tenta explicar as tensões e dos conflitos intrínsecos à subjetividade humana. Longe da harmonia da trindade divina, a trindade infernal lacaniana reflete as rupturas e os desafios inerentes ao desejo, à linguagem e à experiência psíquica. O objetivo deste trabalho é analisar e traçar um percurso entre o pensamento trinitário até os registros do Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.), os quais compõem a trindade infernal lacaniana.

No pensamento lacaniano, esses registros são formas inseparáveis de articulação que estruturam a subjetividade. O nó borromeano ilustra como cada registro mantém os outros conectados, garantindo a consistência da experiência psíquica. A álgebra lacaniana não é mero exercício formal. Ela permite compreender, por exemplo, que a forma de grafar o significante "nó" pode deslizar, recebendo um "s", e passar a se conectar com a questão central da psicanálise "nós", de amor transferencial e de laço social. O Real, com sua dimensão de impossibilidade, é mediado pelo Simbólico, que organiza a linguagem e os significados, enquanto o Imaginário sustenta as identificações e as imagens do eu. Na prática clínica (Cabral, 2016), essa interdependência se manifesta no tratamento do sintoma como um ponto de torção onde os registros se entrelaçam, criando novos sentidos e reconfigurando os laços sociais. Assim, os registros não apenas descrevem instâncias separadas, mas revelam a complexidade do sujeito como nó de desejos, palavras e imagens que sustentam a singularidade de sua posição no mundo.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro introduz e contextualiza a trindade como estrutura fundamental na linguagem, cultura e psicanálise, contrastando-a com a lógica binária predominante. O segundo capítulo aborda as contribuições de Lacan à psicanálise, destacando o uso da topologia para representar processos psíquicos e clínicos. Por fim, o terceiro capítulo descreve os registros que compõem a realidade humana, os quais Lacan define como sua trindade infernal.

1. O PENSAMENTO TRINITÁRIO

Dani-Robert Dufour (2000) afirma que “O homem é trinitário” e nas palavras devem ser compreendidas para além da referência ao dogma central da religião cristã. O pensamento trinitário está presente na organização simbólica de sistemas religiosos, filosóficos e psicanalíticos. Na teologia cristã, a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) representa a coexistência e interdependência de entidades divinas. Filosoficamente, a trindade frequentemente expressa em carácter dialético mediações entre tese, antítese e síntese. Já na psicanálise lacaniana, a trindade está na representação da estrutura psíquica.

Na medida que a trindade está presente na linguagem, e como sujeitos falantes, somos sujeitos inclusos na forma trina, ou seja, nossa comunicação não se limita a pares binários de emissor e receptor do signo, mas inclui um terceiro termo. A linguagem, em momentos específicos, mostra sua propriedade trina, como nos termos "eu", "tu" e "ele", que são irreduzíveis uns aos outros.

Dufour (2000) analisa a trindade em aspectos que não se restringem ao dogma cristão, mas uma anterior a qualquer crença: é a trindade natural e inerente à nossa condição de seres falantes. Todo sujeito que fala, independentemente de suas convicções, manifesta uma estrutura trinitária, que faz parte do ato de falar e está presente antes de qualquer sistema de crenças. Isto é diferente da tradição cristã que adotou a trindade como forma de elevação da verdade transcendental. Sua força espiritual está no reconhecimento e construção da condição humana por meio da língua. Existem outras formas religiosas e todas põem em jogo uma definição da fala que implica a propriedade "três em um".

Dufour (2000) argumenta que a trindade tem sido suprimida pela dominância da binariedade ao longo dos últimos dois milênios. O pensamento humano passou a ser estruturado pela lógica do "Dois": nossas reflexões são dualistas, a filosofia opera por meio da dialética, e as tecnociências adotaram sistemas binários após uma era de causalidade.

A dualidade é uma estrutura fundamental que organiza o pensamento humano a partir de oposições básicas: bem/mal, corpo/alma, masculino/feminino. Esses pares binários estruturam discursos filosóficos e científicos, influenciando tanto a lógica aristotélica quanto a computação moderna, que opera em código binário (0 e 1).

Dufour (2000) aponta que, no século XX, o "Dois" se manifestou de duas maneiras, a saber: a primeira, como uma relação causal simples, evidente em teorias como o pavlovismo e o behaviorismo. Pode-se observar o seguinte exemplo desse modelo causal: um estímulo específico provoca uma resposta específica. A segunda forma, mais recente, é o "Dois" operatório, que substitui a causalidade e mede a influência de um termo sobre o outro. Nesse modelo, as relações entre dois termos são quantificadas e expressas por algoritmos, como em "se $n > 27$, então..." ou "se $n < 27$, então...". Esse paradigma binário domina os sistemas de análise atuais.

O sujeito falante utiliza três termos nas operações que realiza no campo da fala — “eu”, “tu” e “ele” — que estruturam seu espaço simbólico, pessoal e social. Tais elementos estão presentes em todas as línguas, independentes de qualquer demonstração ou condição de verdade. Mesmo no uso mais espontâneo e descontrolado da linguagem, essa tríade se manifesta, pois é intrínseca ao ato de falar. Esses pronomes formam uma categoria essencial, indispensável para qualquer locutor em suas interações verbais.

A trindade natural organiza as relações entre presença e ausência na linguagem (Dufour, 2000). O “eu” representa a presença, pois só existe ao se dirigir a um “tu”, estabelecendo um "aqui" e um "agora" que situam o sujeito no tempo e no espaço. Não há outras formas de estar presente sem ser assinalando-se ao outro e não há nenhuma definição da presença que não retome essa constatação. O “eu” está conectado à presença. Quando o “eu” cessa de falar, transforma-se em “tu”, isto é, sua presentificação é suspensa e passa a se situar na posição “tu” que designa quem acabou ou vai começar a falar. Essa alternância constante entre “eu” e “tu” permite que os interlocutores se reconheçam como presentes, evidenciando que, para ser um, é preciso ser dois. O “eu” assinala presença e situa o sujeito no tempo e espaço. O “tu” emerge na alternância de papéis, sustentando a interação. O “ele” configura a ausência ou terceiro elemento (Outro). A alternância entre “eu” e “tu” possibilita a comunicação e consolida a presença mútua, e o “ele” está presente na sua ausência.

Na peça "Entre Quatro Paredes" de Jean-Paul Sartre (2007), três personagens — Garcin, Estelle e Inês — encontram-se confinados em uma sala no inferno, onde não há torturas físicas, mas sim a convivência forçada. A peça explora o conceito existencialista de que "o inferno são os outros", destacando como a presença do outro é essencial para a formação do "eu" e que a identidade e a presença só se consolidam na interação com um "tu". Nessa peça, os personagens constantemente reafirmam ou negam suas próprias

existências por meio do olhar e do julgamento dos outros, evidenciando que ser um sujeito só é possível em relação ao outro, num ciclo de presença e ausência.

O “eu-tu” constitui o espaço de copresença entre os dois interlocutores, inclusive o livro famoso de Martin Buber se chama *Eu e Tu*, apesar de sua perspectiva ser diferente da que é adotada pela psicanálise. Martin Buber foi um filósofo e teólogo judeu que explorou as relações humanas e a espiritualidade. Em sua obra, a relação dialógica é entre dois sujeitos e sem intervenção de um terceiro, integrando a ideia de transcendência e presença divina no encontro com o outro. Já na psicanálise, a relação é mediada e baseada na dinâmica triangular, onde o “ele” é central, representando a Lei, a falta ou o desejo. O “ele” é o mediador simbólico que estrutura as relações e organiza o desejo, e há o inconsciente. Em resumo, enquanto Buber foca na presença e na conexão genuína, a psicanálise analisa as relações como marcadas pela falta, ausência e mediação simbólica. Sem a troca de “eu” por “tu” e de “tu” por “eu”, não haveria comunicação. Essa troca fundamental garante a presença mútua e interessa aos interlocutores. Dufour (2000) sugere que a formulação do Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.) buscou recuperar a forma trinitária. A trindade expressa a essência do laço social, pois, sem ela, não seria possível a interlocução nem a existência da cultura humana. Em outras palavras, o laço social só é possível porque os três registros interagem constantemente: o Simbólico organiza as interações, o Imaginário fornece as identificações que tornam as relações significativas e o Real garante que haja sempre algo em jogo que excede ou escapa à compreensão total.

Para Dufour (2000) a cultura resulta do confronto entre a forma trinitária revelada (divina) e a forma binária construída. As ordens do Dois e do Três estão em constante rivalidade, evoluindo em sistemas cada vez mais complexos: o Três foi elaborado como o Deus “três em um” no primeiro milênio da era cristã, e essa visão trinitária, de natureza divina, desafia continuamente a razão binária intrínseca às formulações causais de caráter demonstrativo.

Insistindo na perspectiva adotada por Dufour (2000), “todo sujeito falante é um oficiante que, sem saber, presta culto à figura trina” (p.256). A relevância da psicanálise está ao criar operadores trinitários para explicar a formação do sujeito. Suas figuras trinas remetem à trindade natural “eu, tu, ele”, como na primeira tópica de Freud (consciente, pré-consciente e inconsciente) presente em *Interpretação dos Sonhos* (1996a) e na

segunda tópica (eu, isso e supereu) presente em *O Ego e o Id* (1977) e *Além do Princípio do Prazer* (1996b).

Lacan, por sua vez, redefiniu o valor da trindade natural, não como estrutura da interlocução, mas como uma “intralocução” (Dufour, 2000). Tal paralelismo psicolinguístico se expressa na disposição de uma trindade linguística externa (“eu”, “tu”, “ele”) e uma trindade psíquica interna com a mesma estrutura. Ele introduziu o princípio trinitário no modelo topológico do nó borromeano, representando a trindade do Real, Simbólico e Imaginário (Lacan, 1975).

O que chamei verdade, a verdade de uma certa religião, para a qual chamei a atenção não ser inteiramente por acaso conseguir ela uma noção divina que fosse de uma trindade, e isto contrariamente à tradição em que ela própria se conecta; que o desejo do homem, que é, no entanto, tangível, é o Inferno, o Inferno, muito precisamente nisto que é o Inferno que lhe falta, e com essa consequência de ser a que ele aspira. (p.38)

Em outras palavras, Lacan relaciona o desejo humano, que é fundamental, com o verdadeiro “inferno”, sempre marcado por uma falta, o que faz com que o sujeito deseje aquilo que nunca consegue alcançar totalmente. Tal ideia articula o desejo como algo frustrante e essencial, criando uma tensão constante que se assemelha ao inferno.

A trindade divina representa harmonia ao combinar unidade (essência única) e diversidade - Pai, Filho e Espírito Santo - três figuras distintas em uma única essência divina. Essa concepção vai além do binário simples (Deus/criatura, bem/mal), integrando relação e comunhão no próprio ser de Deus. Lacan ao propor sua trindade infernal do desejo, faz uma analogia com tal trindade, no entanto, seu caminho é completamente outro.

Lacan (1975) define o R.S.I. como “trindade infernal” porque elas estruturam, de forma inseparável, os conflitos e tensões da subjetividade humana. Nessa trindade não há harmonia, uma vez que não há apaziguamento na dinâmica do desejo, mas revela o caráter instável e marcado por rupturas da experiência psíquica, refletindo os desafios fundamentais do desejo e da linguagem.

Ao afirmar que “sua trindade infernal se opõe a qualquer teologia”, Lacan (1975) propõe ao analista que não conduza o tratamento do analisando tendo uma Unidade final ou original no horizonte, mas sim se orientar sempre contando três. O R.S.I. é a proposta de Lacan para organizar a experiência analítica que não pode se reduzir a Um, nem a

Dois. Esses registros são ferramentas, como Lacan (1997) diz: “R.S.I. só existem, porque existe Jacques Lacan”, dito de outra maneira, só existe o R.S.I. porque o analista assim o põe.

2. LACAN E A TOPOLOGIA

Jacques Lacan foi membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), filiada à Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Fundada por Sigmund Freud em 1910, a IPA tinha como objetivo a unificação e a regulação da prática psicanalítica internacional. Com isso, determinava poderia ser definido como psicanálise e o que fazia parte do seu escopo. Promovia e organizava congressos e zelava para que as sociedades integradas a ela obedecessem aos preceitos, normas e recomendações derivadas da experiência psicanalítica legitimada por Freud (Simões, 2008).

A participação de Lacan gerou pontos de conflito e ele era malvisto pela IPA devido sua prática heterodoxa (Safatle, 2023). A IPA possuía um conjunto de procedimentos relacionados ao tempo das sessões analíticas, ao modo de manejo da transferência, ao comportamento do psicanalista, entre outros não respeitados por Lacan.

Em determinado momento do percurso psicanalítico de Jacques Lacan¹, ele empreende um retorno a Freud: “eu sou aquele que leu Freud”. Ele acreditava que a linguística oferecia novos instrumentos para a compreensão das ideias de Freud e formula o inconsciente estruturado como linguagem. Além disso, a teoria e a técnica em psicanálise são uma só e mesma coisa, ou seja, não há diferença entre teoria e prática na psicanálise: ela é uma práxis, um método (Vanier, 2005).

Lacan (Safatle, 2023) defendia sessões de duração variável, ou seja, que a duração de uma sessão deveria acontecer segundo o “tempo lógico” (do inconsciente) e não a partir do “tempo cronológico” (do relógio). Isso permitia a interrupção da sessão em pontos cruciais do discurso do analisando, o que era considerado como uma quebra de protocolo pela IPA. Outro aspecto importante que também não se adequava aos padrões da IPA era que Lacan utilizava seminários abertos e discussões públicas como método de transmissão da psicanálise.

Conforme Vanier (2005) explica, as divergências teóricas e institucionais na formação de analistas levaram à cisão do movimento psicanalítico francês, momento em que Lacan e outros membros (como Françoise Dolto e Daniel Lagache) decidiram romper com a sociedade e fundar a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). Consequentemente,

¹ Jacques-Marie Émile Lacan, nasceu em 13 de abril de 1901 em Paris, na França. Psiquiatra e psicanalista, dedicou-se ao ensino psicanalítico a partir do retorno a Freud.

a criação da SFP gerou uma resposta imediata da IPA, que recusou cancelar oficialmente a nova sociedade, mas apresentou a possibilidade de ela ser aceita na categoria de Grupo de Estudos caso seguisse as Recomendações de Edimburgo de 2 de agosto de 1961 (Safatle, 2023). Esse documento regulamentava a duração das análises (quantidade de vezes por semana, tempo e duração mínima) e proibia o analisante de frequentar o seminário de seu analista. Além disso, recomendava que Lacan não recebesse novos casos de análise didática e de supervisão. Os dirigentes da SFP aceitaram as recomendações e assim a sociedade entrou na IPA como Grupo de Estudos.

Entretanto, Lacan recusou essa normatização e padronização pois interferia em seu ensino e prática clínica. Então, o IPA impôs a exclusão de Lacan das funções didáticas como condição para a continuidade da filiação da SFP como Grupo de Estudos, tal ato coercitivo de exclusão foi chamado por Lacan de “excomunhão” (Vanier, 2005).

Simões (2008) explica que psicanalistas eleitos como didatas possuíam condições de receber em seus divãs os candidatos, ou seja, aqueles alunos que também desejavam ser reconhecidos como psicanalistas. Lacan não fazia diferença entre a análise didática e a análise terapêutica, portanto essa atitude significava abrir mão de sua posição de analista.

A partir da contenda entre Lacan e IPA, ele fundou a Escola Freudiana de Paris (EFP) com a proposta de revitalizar a psicanálise freudiana por meio de um enfoque rigoroso na teoria do inconsciente e na dimensão simbólica da linguagem. A EFP tornou-se, com isso, um espaço central para a transmissão do ensino lacaniano, marcando a ruptura definitiva com a IPA (Safatle, 2023).

A criação da EFP marca uma descontinuidade na trajetória histórica do movimento psicanalítico, ao mesmo tempo em que reafirma a continuidade do ensino e da doutrina desenvolvidos por Lacan, que atraíam uma comunidade de analistas em constante expansão. Para Quinet (2009), a descontinuidade deve-se ao fato de ser a primeira instituição psicanalítica criada a partir de uma cisão com a IPA, adotando o qualificativo de freudiana associado ao termo Escola (diferente do uso de Sociedade adotado por outros) e por aceitar “não analistas” como membros. A continuidade se dá pelo ensino de Lacan e por sua resposta institucional às questões que ele próprio desenvolve a partir da doutrina freudiana.

Os dois pontos acusados pelo IPA são indissociáveis do ensino de Lacan e seu modo de transmissão, assim como sua ética contrária à normatização. A questão do tempo lógico das sessões, segundo Quinet (2009), contraria a obsessão normatizada do tempo e indica que o analista deve se guiar somente pelo discurso do analisante. Sobre os analisantes poderem assistir ao seu seminário, o autor destaca que por mais que reconhecessem algo dito por eles nas sessões, o importante é que todos não reconheçam a mesma coisa.

O rompimento de Lacan com a IPA permitiu que ele desenvolvesse ideias de forma independente e se colocasse na linha de frente da reelaboração do pensamento freudiano. Ao tornar como objeto de ensino o retorno aos textos de Freud, Lacan aponta que a experiência freudiana é a compreensão mais completa da realidade psíquica, tornando indispensável o aprendizado desses textos (Lacan, 2005). O ensino dele foi primordialmente oral, por meio de seminários e de conferências, os quais foram estabelecidos como textos por Jacques Alain-Miller. A conferência “O Simbólico, o Imaginário e o Real” foi uma exposição de reconstrução da teoria freudiana que abria as portas da psicanálise a uma noção inédita de inconsciente.

Lacan (2005) durante a conferência realizada em 8 de julho de 1953, introduz três registros, os quais define como essenciais da realidade humana: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Trata-se, portanto, de uma conferência que introduz elementos relacionados à condução e direção do tratamento, bem como à prática da psicanálise com orientação lacaniana. A princípio ele não explica de onde os tirou nem contextualiza ou expõe o histórico dessa invenção, apenas parte dela como um fato. Sendo assim, a realidade é constituída pelas amarrações possíveis dos seus três registros.

Nesse primeiro momento, a tríade foi apresentada como S.I.R. por considerar o Simbólico como registro que especifica o alcance e os limites da experiência psicanalítica. Mas ao articular a tríade, Lacan impede que o psiquismo seja reduzido a origem, ao Um, porque a condição do psiquismo, do ponto de vista psicanalítico, não se limita a uma instância única, mas a articulação do Real, do Simbólico e do Imaginário. Ou seja, não há psicanálise sem a articulação dos três (Faria, 2021).

Em 1974-1975, Lacan ministrou um Seminário dedicado ao tema e comenta brevemente que foi sua experiência analítica que o conduziu a tal “trindade infernal”: “[...] a partir de minha experiência, propriamente dita, analítica, que eu disse me ter

conduzido a essa trindade infernal, chamemo-la pelo nome, essa trindade infernal do Simbólico, do Imaginário e do Real" (p.38).

O Imaginário é a consistência, o Simbólico é o furo e o Real a ex-sistência² (Lacan, 1975). A partir desse seminário, a ordem das letras é alterada e a tríade passa a ser identificada como: R.S.I. A ênfase recai sobre o Real como registro que rege e ordena a estrutura. Coutinho Jorge (2000) diz que o simbólico presentifica-se a partir do real, e o imaginário a partir do simbólico.

A alteração da ordem das letras trouxe certamente uma maior precisão à concepção lacaniana de estrutura. Senão vejamos: RSI: R – tudo começa a partir do real, ele constitui a base da estrutura do sujeito falante. S – o simbólico tem seu lugar efetivamente a partir do real. I – o efeito da introdução do simbólico é a possibilidade de constituição de imaginário, originalmente faltoso para o sujeito falante. (p. 98-99)

Ao acentuar a regência do real na estrutura, Lacan situou o simbólico entre o real e o imaginário. Dessa forma, a estruturação estabelece que o lugar do sujeito falante é produzido pelo simbólico, que permite mediar a relação com o real, por um lado e com o imaginário, por outro (Coutinho Jorge, 2000).

Os registros não são tratados de forma isolada e não há qualquer hierarquia entre eles. Eles darão suporte a uma investigação teórica e clínica (Faria, 2021) na qual cada um dos três estará sempre em relação e articulação com os outros dois. Assim, o desafio é encontrar uma maneira de abordá-los simultaneamente.

A primeira tentativa de reunião dos registros aparece na conferência de 1953 (Lacan, 2005). Ele chamou de “esquema da análise”, onde R, S e I são apresentados dois a dois. O autor indica que “eis como uma análise poderia, muito esquematicamente, ser inscrita desde seu início até o fim.”

$$rS - rI - iR - iS - sS - SI - SR - rR - rS$$

Nesse esquema, propõe-se uma combinatória dos registros dois a dois. Lacan usou letras maiúsculas para designar as instâncias do Real, Simbólico e Imaginário e as letras minúsculas para as articulações próprias às ações: realizar, imaginar e simbolizar. Isso é

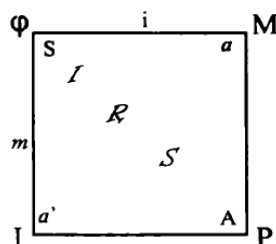
2 A ex-sistência, segundo Lacan, é uma categoria que qualifica o real, indicando algo que “sai para fora” diante da anulação ou do apagamento do que lhe antecede. O furo, ex-sistência e consistência não são exclusivos a cada um dos três registros, mas sim se manifestam de modos distintos em cada um. Cada argola (registro) é um furo ao qual ex-siste algo que lhe contorna e ao considerarmos a natureza desse “algo”, estamos ao nível da consistência.

desdobrado em Nomes-do-Pai (Lacan, 2005). O rS é a posição de partida. É a realização do símbolo e está relacionado com o lugar do analista. O analista é um personagem simbólico e é em nome desse símbolo que o sujeito procura análise: a postura ilusória de que “é o senhor que tem minha verdade” (Hegel, 2001). Com o rI : tem-se a realização da imagem, isto é, a irrupção de uma imagem narcísica que coloca o sujeito em uma conduta analisada como resistência. É a imagem advindo no lugar do símbolo não realizado. Por sua vez, iI : é a captação da imagem, constitutiva de qualquer realização imaginária enquanto considerada instintiva. O iR : o I é transformado em R . É a fase de resistência, de transferência negativa, ou no limite, de delírio, que existe na análise. Posteriormente, vem a iS , que é a imaginação do símbolo. Nesse momento, ocorrem produções inconscientes na transferência, como os sonhos, onde mensagens cifradas são direcionadas ao analista. O símbolo imaginado é enigmático e causa uma questão no sujeito. Senão, é um símbolo fechado nele mesmo, sem articulação através da fala. Ao simbolizar o símbolo, vem a sS , que é a interpretação. O símbolo simbolizado é aquele que é remetido a um outro símbolo, então é a parte que cabe ao analista porque “ele próprio já é um símbolo” (Lacan, 2005). O SI é componente da própria interpretação sS – SI e trata-se da aquisição de um símbolo. Pode ser lido da seguinte maneira: “a simbolização do símbolo leva à imagem como símbolo”. Em seguida, tem-se o SR , que é o símbolo do real. É o que “não se trata, como se acredita, de se adaptar a um real mais ou menos bem definido ou bem organizado, mas de fazer reconhecer sua própria realidade, em outras palavras, seu próprio desejo” (Lacan, 2005). O símbolo do real é a possibilidade do sujeito adquirir um símbolo que possa dizer de seu desejo. É a restituição do desejo recalcado à consciência, ou seja, algo antes não simbolizado no real passa agora a ser símbolo. O rR é a realização do real, que quer dizer que para um analista “todas as realidades são, em suma, equivalentes, que todas são realidades. Isso parte da ideia de que tudo que é real é racional, e vice-versa” (Lacan, 2005). Após o advento do símbolo do real, retorna-se ao rS , a simbolização do símbolo. O processo se repete e há idas e vindas de uma etapa a outra, não representa o início, meio e fim de uma análise. O esquema é organizado dessa forma para demonstrar o processo que o sujeito passa nessa experiência.

Posteriormente, no texto “Questão preliminar a todo tratamento das psicoses” presente em Escritos (Lacan, 1998), a tríade aparece no esquema R (Figura 1). Esse esquema mostra como os registros se entrelaçam na estruturação do sujeito e na dinâmica

da sua relação com o mundo e os outros. Ele é organizado por quatro pontos principais, interligados por linhas, que indicam as articulações reais, simbólicas e imaginárias.

Figura 1: Esquema R



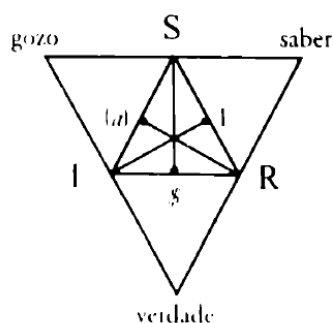
Fonte: Faria, 2021.

Os componentes desse esquema são: o sujeito (S) que representa o sujeito enquanto dividido pelo simbólico, o “eu” que é efeito da linguagem; o objeto a (α) na medida que é objeto de desejo e sempre faltante, é marcado pela ausência e movimenta o desejo do sujeito. O Outro (A) é o lugar do simbólico e da linguagem, situando-se como o campo das normais e dos significantes que estruturam o sujeito. A imagem do eu (a') é a representação imaginária do sujeito, construída nas identificações.

Em cada um dos vértices, Lacan (1998) insere uma letra com a finalidade de representar as três posições do analista na direção do tratamento: (M) no instante de olhar; (I) no tempo para compreender, o ideal do eu enquanto matriz simbólica; e (P) o momento de concluir pelo nome-do-pai enquanto representante da lei.

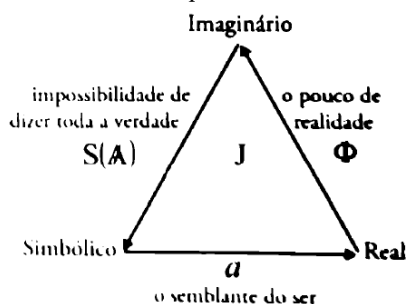
As linhas representam as relações fundamentais. A linha do simbólico (S – A) é a conexão entre o Sujeito e o Outro, mediada pela linguagem e pelo desejo, representa o que é estruturado simbolicamente. A linha do imaginário (S – a') é a conexão do sujeito com sua imagem no mundo, construída no campo das identificações e ilusões de completude. A linha do real (a – A) é a conexão do objeto a até o Outro, enfatizando aquilo que o simbólico não consegue apreender.

Lacan fez outras tentativas de organizar os três registros esquemas, contudo ficaram menos conhecidos: no Seminário XV – O Ato psicanalítico e no Seminário XX – Mais, Ainda. No Seminário XV (Figura 2), coloca-se o sujeito barrado como uma projeção ao seu significante e questiona-se a relação do sujeito entre o imaginário e o real.

Figura 2: Tentativa de Esquema – Seminário XV

Fonte: Faria, 2021.

No Seminário XX (Figura 3), há a progressão do imaginário para o simbólico, ou seja, a progressão esperada na experiência analítica na medida em que é regida pela regra de ouro (dizer tudo o que vier à cabeça) mas que implica na impossibilidade de dizer toda a verdade.

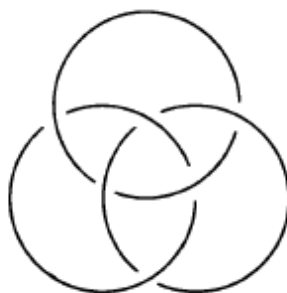
Figura 3: Tentativa de Esquema – Seminário XX

Fonte: Faria, 2021.

É no Seminário XXII – R.S.I.³, que Lacan encontra o Nó Borromeano (Figura 3) como possibilidade de “dar a esses três termos – real, simbólico e imaginário – uma medida comum”. O enodamento dos três deve fazer com que sejam considerados equivalentes. A propriedade borromeana será lembrada de modo constante para que os nós sejam relacionados tanto à teoria quanto à clínica psicanalítica.

A topologia do nó borromeano (Figura 4) consiste em três círculos, ou anéis, entrelaçados de forma que se um deles for retirado, os outros se soltam. "Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô...borromeano" (Lacan, 1975).

³ Cabe ressaltar que trabalhamos com uma versão não oficial desse seminário, a qual foi disponibilizada digitalmente, porque ainda não foi estabelecido por Jacques Alain-Miller e publicado no Brasil.

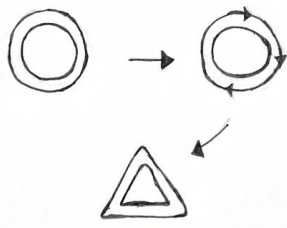
Figura 4: Nó Borromeano

Fonte: Faria, 2021.

O contato com esse modelo se deu após o jantar com uma jovem matemática, quando teve conhecimento acerca da família italiana chamada Borromeu, a qual possuía brasões que simbolizavam a tríplice aliança. Esses brasões eram constituídos por três círculos, cada um referindo-se à potência de um dos três ramos da família. Se um deles fosse retirado, os outros ficariam livres (Roudinesco, 2008).

Se a harmonia era um conceito matemático pitagórico que ordenava por meio da relação das proporções, foi na topologia que Lacan encontrou o objeto matemático para representar os três registros de forma harmônica. A topologia foi utilizada em seus textos como um objeto que representa uma estrutura dos processos psicanalíticos. Segundo Lafont (1990), a topologia condiz com a psicanálise devido a sua semelhança em relação à noção de espaço e às relações que a estruturam.

Topologia é uma palavra que tem na origem etimológica do grego: “topos” significa lugar e “logos” discurso de, ou seja, o estudo do lugar. A topologia pode ser considerada uma extensão da geometria, no entanto ela não se preocupa com as métricas e as proporções. Ela estuda a deformação como fundamento para a igualdade de suas figuras (Melo, 2007). Se por meio de uma deformação contínua, pudermos passar de uma figura para a outra, estas são idênticas. Por exemplo: Um círculo pode ser deformado continuamente em um triângulo equilátero sem que sejam feitos cortes (Figura 5).

Figura 5: Deformação do círculo

Fonte: Autoria própria.

O círculo começa como uma curva lisa e fechada. Três pontos do círculo são "esticados" para formar os vértices do triângulo. As curvas entre os pontos são gradualmente ajustadas para criar os lados retos do triângulo. Esse exemplo ilustra que, na topologia, formas como o círculo e o triângulo equilátero são equivalentes porque suas propriedades fundamentais permanecem inalteradas.

Lacan fundamentou seu discurso na noção geral da topologia, interpretando como uma estrutura que pode ser organizada por meio de suas posições no espaço. Para Melo (2007), a topologia define um interior e as operações de união e interseção sobre seus elementos geram outros elementos pertencentes a ela, o que implica a teoria do significante. Lacan acreditava que todos os efeitos do significante são internos ao seu próprio campo. A autora complementa que Lacan introduziu outro conceito depois de trabalhar com a topologia geral, a noção de superfícies fechadas.

As superfícies fechadas podem ser percorridas infinitamente e sem interrupção. Além disso, são conexas porque a partir de dois pontos quaisquer na superfície podemos ligá-los por um caminho ininterrupto. Ainda, são superfícies trianguláveis, em que podemos decompô-la em um número finito de vértices, arestas e faces. A superfície triangulável possui duas propriedades (Melo, 2007): qualquer aresta é aresta de dois triângulos e qualquer vértice é o vértice de pelo menos três triângulos.

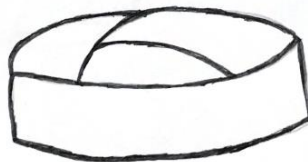
Lacan já indicava uma predisposição ao encontro de uma nova forma de sustentar seu ensino. Ele usou grafos, esquemas e depois deslocou seus estudos em direção à topologia das superfícies ou variedades bidimensionais. As propriedades fundamentais das superfícies descritas – fechada, conexa e triangulável – reunidas que especificam as superfícies com as quais Lacan trabalhou (Melo, 2007). Lacan introduz a topologia como um modelo estrutural do discurso psicanalítico, necessário para a formalização de suas ideias.

Miller (1996) distingue dois momentos na topologia lacaniana. O primeiro diz respeito ao uso da faixa de Möbius, do toro, da garrafa de Klein e do cross-cap. O segundo é a entrada no conceito de nó, em particular, o borromeano.

A faixa de Möbius é uma superfície topológica que pode ser criada a partir de uma tira de papel que se coloca sobre si mesma com um movimento de torção (Monteiro, 2014). Se você percorrer a tira com a ponta do dedo, verá que percorre toda a banda sem

cruzar uma borda tendo a impressão que ora está na superfície interna ora na externa, no entanto, ela tem apenas um lado (Figura 6). Amster (2015) diz que o que marca a diferença entre a banda e as superfícies bilaterais é a orientabilidade, ou na realidade, sua falta.

Figura 6: Faixa de Möbius

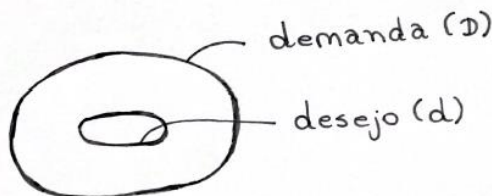


Fonte: Autoria própria.

A faixa de Möbius é utilizada por Lacan para representar a estrutura do sujeito e a relação entre os três registros (real, simbólico e imaginário). Além disso, se refere à ela como uma demonstração dos processos do consciente e inconsciente, da maneira que um interfere no outro ao mesmo tempo que um está contrário a outro (Melo, 2007).

O toro não é, precisamente falando, um objeto da topologia pois a geometria já o havia definido como uma superfície de revolução gerada por uma circunferência que gira em torno de um eixo situado em seu mesmo plano e exterior a mesma (Amster, 2015). Então, cria-se uma circunferência e faz com que dê uma volta completa ao redor de um eixo que não a toque, até voltar a encontrar o ponto de partida (Figura 7):

Figura 7: Toro



Fonte: Autoria própria.

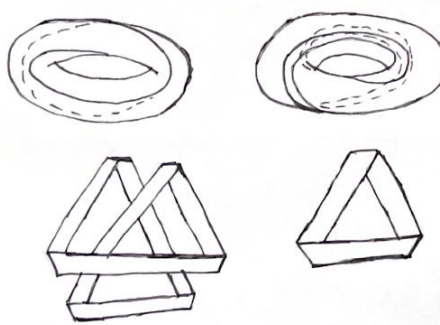
A topologia, de certa forma, dedica-se a estudar as propriedades essenciais das figuras, aquelas que revelam seu caráter mais íntimo. No caso do toro, Lacan (Amster, 2015) expressa que a sua essência consiste em ter um furo, ou seja, ele é a característica fundamental que define essa figura. A dupla curvatura do toro representa a ideia de exclusão interna. Para Lacan, isso se relaciona ao paradoxo de Russell, que demonstra como o "conjunto de todos os conjuntos" não pode incluir a si mesmo, ilustrando uma contradição fundamental na lógica e na estrutura dos conjuntos (Melo, 2007).

No seminário XXII – R.S.I., Lacan utiliza o toro para esclarecer a relação do desejo com a demanda. O furo representa a falta-a-ser (ou falta estrutural), que é a ideia

de que o sujeito é sempre incompleto e está marcado por uma falta essencial que não pode ser preenchida. Essa falta é o que gera o desejo, pois o sujeito está constantemente buscando algo para preencher essa ausência, embora tal preenchimento nunca seja alcançado. Segundo Lafont (1990), “o toro é capaz de ser recortado a partir de uma banda de Möbius dupla, e é isto que nos dá a imagem da ligação do consciente ao inconsciente”.

O corte do toro, em dupla volta, transforma o toro em uma faixa com duas faces e depois em uma faixa de Möbius. Dessa forma, a identidade topológica que os caracteriza advém do fato de que ambos sofreram um único corte ao longo do meridiano (Figura 8).

Figura 8: O corte



Fonte: Autoria própria.

A garrafa de Klein é uma esfera sobre a qual se abre um túnel que se torna uma alça ou uma garrafa cujo fundo e gargalo se comunicam. Amster (2015) define como “um toro que se auto-penetra” (Figura 9). A garrafa representa a relação do sujeito com o Outro e funciona como método para a construção de casos clínicos.

Figura 9: Garrafa de Klein



Fonte: Autoria própria.

O cross-cap é uma superfície sem borda, é como uma banda de Möbius, mas fechada (Amster, 2015). Não é possível inseri-lo no espaço tridimensional. Representa o sujeito em sua relação com o sujeito do desejo.

Figura 10: Cross-cap

Fonte: Autoria própria.

No seminário XX – Mais, ainda (1972-1973), ao trabalhar pela primeira vez com o nó, Lacan destacará duas características dele: a propriedade borromeana e a possibilidade de construir nós com essa propriedade acrescentando outros aros. Nesse momento, formulará uma primeira hipótese clínica: a relação entre a loucura e o rompimento do nó.

Lacan diz: “Os meus três são o simbólico, o real e o imaginário. O nó borromeano põe em evidência ao menos três. É o que une os outros dois, desenodados. Eu dei isso aos meus. Dei-lhes isso para que se orientem na prática” (Conferência de Caracas, 1980). Em outras palavras, como dissemos acima, não existe um entre os registros que tenha mais poder que os outros e se qualquer um deles é solto, os outros se libertam.

Então, Lacan pensa o nó borromeano para servir de orientação na prática psicanalítica. Todavia, em que consiste a análise? Em que consiste essa experiência que se passa integralmente a partir da fala e que vai produzir movimentos e transformações no sujeito? Partiremos do ponto afirmado por Lacan (2005), de que toda relação analisável e interpretável simbolicamente, está sempre inscrita em uma relação a três e, para tanto, definiremos cada registro de maneira individual.

3. A TRINDADE INFERNAL

3.1 Imaginário

O imaginário está ligado à formação de imagens e à percepção que o sujeito tem de si e do outro. É nesse registro que o indivíduo desenvolve a capacidade de reconhecer-se e de formar identidades, embora sempre com um grau de alienação. Em sua teoria do Estádio do Espelho, Lacan (1998) discorre sobre o papel do imaginário na formação do eu. Aqui está presente o outro, como semelhante, igual e rival.

No entanto, perguntas importantes podem feitas sobre o tema: “Quem sou eu em relação ao outro? Que segurança tenho de que eu sou eu e não um outro?”. São alguns dos questionamentos feitos por Quinet (2012) quem ajudam a pensarmos sobre o que faz eu ser eu, isto é, alguém se pensar e se reconhecer como uma alteridade e apontar a conclusão de Lacan: o eu é – antes de mais nada – outro. O eu e o outro se confundem. O sujeito projeta traços próprios no outro e passa a admirá-lo ao mesmo tempo que o enxerga como um rival. Constituído pela imagem do outro, o eu está para sempre alienado a seu outro-ideal. O outro é igual e rival. O outro visto como intruso e que se manifesta como semelhante, é percebido como aquele que invade o que é do sujeito e rivaliza com ele.

No complexo de intrusão, Lacan (1938) denomina a experiência da criança no grupo familiar em relação ao seu irmão. Quando esse irmão nasce, a criança o enxerga como um intruso que vem ocupar um lugar que ele imaginava ocupar no desejo da mãe (o grande Outro). Entretanto, a criança se identifica com esse irmão de modo imaginário e ele se torna indissociável dele: o eu não vem sozinho, ele está acompanhado do outro eu, o eu ideal. Essa indissociabilidade entre o eu e o outro acontece no Estádio do Espelho, o qual Lacan (1998) relaciona ao narcisismo e à constituição do eu ser meio da imagem do outro.

O mito de Narciso, o qual o sujeito se apaixona por seu próprio reflexo e morre, demonstra o que Freud denominou de narcisismo: “amo a mim mesmo através do outro, amo o outro eu mesmo”. O narcisismo de Freud corresponde ao registro do imaginário de Lacan: “é o registro da consciência do sentido que faz com que o homem se julgue um eu – o que é efetuado (sem que ele o saiba) através da identificação com o outro” (Quinet, 2012). É o que pode ser verificado no Estádio do Espelho.

O Estádio do Espelho corresponde à antecipação, por meio da imagem do corpo, da unificação do corpo, antecipação relativa à imaturidade neurológica da criança. É uma experiência correspondente ao narcisismo primário de Freud. É um momento que ocorre entre os 6 e os 18 meses de idade, quando o bebê passa a se reconhecer no espelho, passa a construir uma noção de “Eu”.

Esse eu que Lacan se refere é o eu “je” classificado como sujeito do desejo, sujeito do inconsciente, diferente do eu “moi” do ego, da consciência. Ou seja, é o eu ainda não simbolizado, ainda na pré-linguagem.

Para Lacan (1998),

é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (p.100)

São dois momentos no estádio: o primeiro é aquele em que a imagem está despedaçada e o segundo é aquele em que ela está unificada. Quinet (2012) distingue os dois tempos, no primeiro trata-se de uma anti-imagem pois não há constituição de uma imagem visível; no segundo a imagem totalizante é constituída.

O autor diz adiante, que como no início não há unidade corpórea, o sujeito pode se ver com um corpo retalhado. Ele, sentindo-se descoordenado em relação ao seu corpo, incapaz de realizar operações motoras simples, de repente se reconhece naquela imagem do espelho, esse em que já identificava os pais e outras pessoas próximas, mas não a si mesmo. Ao conseguir, tem a sensação de júbilo, ao ver uma imagem completa, no lugar daquele corpo antes despedaçado. O sujeito é prefigurado pela imagem do espelho ou do outro. O sujeito se identifica com a imagem do corpo do outro para constituir o seu eu. Ao ver sua imagem no espelho, coloca em um mesmo nível seu mundo interno e o ambiente em que vive. O júbilo resulta da conquista de sua imagem.

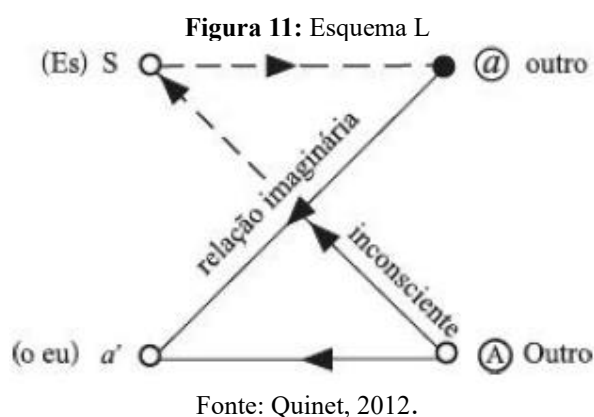
Segundo Freud (1923), o eu é, antes de tudo, corporal. A unidade do eu é imaginária. A percepção visual do corpo é a base do imaginário e também da identificação especular, tornando a visão inerente ao registro imaginário.

O Estádio do Espelho é dito por Quinet (2012) como um momento de “*insight* configurado”, termo inglês para “tomada de consciência, ponto de vista do eu”. Ele

confere o caráter narcísico ao conhecimento do eu, que é um desconhecido por ter se originado da projeção da imagem de si no mundo.

Na simetria produzida no reflexo do espelho, ocorre a inversão em relação ao plano especular: a imagem especular é diferente daquilo que ela representa. Essa inversão evidencia a ilusão da autoconsciência já que a própria imagem do corpo torna-se enganosa e a consciência é a instância do desconhecer. O sujeito não vê que a imagem o engana e que a consciência é fonte de desconhecimento, o eu vê o mundo como um espelho que reflete sua visão de mundo e o outro como um reflexo de si mesmo. Essa imagem alienante é percebida no outro experimentando como um intruso que invade e luta pelo mesmo lugar imaginário. Esse intruso é o eu mas o sujeito o percebe como outro.

A bipolaridade do outro e do eu (Quinet, 2012) é formalizada pelo eixo imaginário do esquema L (Figura 11). O a é notado como objeto do sujeito, o a' seu eu, o que se reflete de sua forma em seus objetos.



O outro é o eu ideal, ou seja, é a imagem desenhada a partir dos significantes do Outro – aqueles que formam o Ideal do eu e que na verdade é o Ideal do Outro. O indivíduo tentará moldar seu eu considerando os significantes que veiculam o desejo do Outro.

É o imaginário que aparece em primeiro lugar na prática analítica. O imaginário não é a imaginação, mas o que dá a consistência de um corpo, de uma unidade. É aquilo que faz o um, o todo, onde é possível interpretar começo, meio e fim. É o registro que evoca os processos de identificação, ideação, apaixonamento. É o elo de cristalização, da fixação. O imaginário em si não é analisável, mas seus elementos podem ter uma dimensão simbólica e é preciso notá-los para poder analisá-los.

O imaginário aparece como ponto de reflexão nos primeiros escritos e seminários de Lacan. Como Faria (2021) aponta, Lacan retomou a teoria freudiana do narcisismo para mostrar a função imaginária e ilusória do eu, afirmando que não haveria meio de compreender a dialética analítica se não fixarmos que o eu é uma construção imaginária. Essa investigação sobre o registro também trouxe a reflexão sobre as psicoses e o tratamento delas pela psicanálise.

O imaginário é o registro da paixão e as estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) declinam as formas imaginárias da paixão individual do sujeito pelo significante. Para além do registro imaginário, está o simbólico (o grande Outro) o qual é constituído pela linguagem e que o discurso constitui o inconsciente. Quinet (2009) diz que o segredo do gozo da imagem está no objeto *a* através do olhar.

O espelho e o olhar são indissociáveis e derivam um do outro. O olhar como objeto *a* não está na visibilidade do espelho, mas no olhar daquele que vem ocupar o lugar do grande Outro (Quinet, 2021). A criança busca por esse olhar e ele é causa de jubilação. Então, o Outro é o espelho no qual a criança se vê e se admira, ajustando sua imagem de eu ideal de acordo com às reações de Outro que vem no lugar do Ideal do eu. Proporciona-se um gozo pela pulsão escópica que coloca o olhar como objeto *a*.

3.2 Simbólico

Ao falar do simbólico, Lacan (2005) diz que “trata-se de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante e significado, que é o equivalente da própria estrutura da linguagem”. Deste modo, o simbólico exercerá uma função de linguagem e terá papel fundamental na atuação dos significantes. Aqui está presente o grande Outro, cujo discurso é o inconsciente, manifestando-se nos sonhos, lapsos, chistes e sintomas. É um lugar simbólico (Quinet, 2021), lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando como ele pensa, fala, sente e age.

Lacan insistirá na importância de definir e delimitar a função da fala (Faria, 2021), a instância da letra e o campo da linguagem no inconsciente, lembrando que a psicanálise é um tratamento cuja via é a linguagem, ou seja, depende dos efeitos de uma intervenção que opera sobre a fala. O interesse pelo simbólico e a linguagem irão levá-los aos estudos

em linguística, momento em que formulará que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

No final das contas, não apreendemos o inconsciente senão em sua explicação, no que dele é articulado que passa em palavras. É daí que temos o direito - e isso, ainda mais porque a continuação da descoberta freudiana no-lo mostra - de nos darmos conta de que esse inconsciente não tem, ele mesmo, afinal, outra estrutura senão uma estrutura de linguagem (Lacan, 1959-60/1991, p.45).

Com Saussure, Lacan encontrará o conceito de signo linguístico, o qual utilizará para abordar a estrutura de linguagem do inconsciente. O signo linguístico é definido a partir da relação entre significado e significante. Saussure (2006) define o “significado” como uma ideia que se referencia à palavra e não o objeto em si ao qual é referido. Por outro lado, o “significante” está ligado com o som e a imagem. Esse som não seria o som transmitido ao pronunciar a palavra mas sim a acústica a que ela remeterá.

Pensando no exemplo apresentado por Lacan (1998) da palavra “árvore”, o significado é o conceito ou ideia mental que a palavra evoca. Ao ouvir “árvore”, pensamos em uma planta com tronco, galhos, etc. Essa ideia abstrata que surge – a imagem ou conceito de uma árvore – é o significado. Já o significante é a imagem acústica da palavra, ou seja, o som que associamos à palavra “árvore” quando a ouvimos ou dizemos.

É a partir desses conceitos, destaca Faria (2021), que Lacan mostrará que a essência da técnica freudiana da associação livre está na subversão do lugar do sentido. Enquanto o uso da língua coloca-o do lado do significado, na análise ele passa a depender do significante e da forma como ele se encadeia a outros significantes. O interesse ao analisar é o efeito de sentido que brota da relação entre os significantes na cadeia.

Segundo Battaglia (2005), Lacan defendia a autonomia e primazia do significante em relação ao significado. Antes do bebê querer significar o mundo com palavras propriamente ditas, a ligação mais relevante dele com o mundo se dá por meio dos primeiros fonemas. É um passo inicial em direção à linguagem como estruturante do sujeito. Portanto, o simbólico é o Outro da linguagem (Miller, 1987).

Quinet (2021) afirma que o “eu” está para o outro assim como o “sujeito” está para o Outro. Enquanto o eu tem uma identidade imaginária que vem do outro, o sujeito não tem identidade própria. Dessa forma, o sujeito é indefinível. O sujeito não é isso ou aquilo. Ele é um furo no conjunto da linguagem, deslizando nas cadeias significantes.

Alguns significantes possuem uma força de determinado ao sujeito e que ele acata para se definir (Quinet, 2021). Trata-se da alienação, processo em que o sujeito se identifica com os significantes endereçados a ele pelo Outro. No processo de análise o sujeito descobre gradualmente quais são esses significantes e ocorre a desalienação do Outro. O Outro como lugar dos significantes do sujeito é inacessível, a não ser pelas formações do inconsciente: sonhos, lapsos, chistes e sintomas.

O inconsciente como discurso do Outro nos indica que não só ele é estruturado como uma linguagem, mas que o lugar do Outro equivale ao lugar do código pessoal dos significantes do sujeito. O grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias (Quinet, 2021, p.24).

No outro, encontra-se o eu ideal, o qual o eu se espelha e tenta – sem sucesso – se igualar. O eu ideal do espelho é constituído pelos significantes ditos pela mãe ou pelo pai e assim o eu tenta se espelhar nele para ser amado e continuar ocupando o posto que Freud (1914) expressa como “sua majestade, o bebê”. Esses significantes são recalçados e constituem o Ideal do eu, que é um Ideal do Outro, por ser formado pelos ditos de todos aqueles que ocuparam o lugar do Outro para o sujeito. Como o Ideal do eu é onde o sujeito se vê como amável, ele tenta se adequar aos significantes determinados pelo Outro pela via da identificação simbólica. Por outro lado, o eu, tenta se moldar de acordo com o eu ideal, percebido como outro, através da identificação imaginária.

A instância do Ideal do Eu é constituída pelos significantes provenientes do Outro, o que a caracteriza como uma instância simbólica. Contudo, ela intensifica as exigências narcísicas do sujeito. O narcisismo primário, durante a infância, é sustentado pelos discursos dos familiares próximos, enquanto o narcisismo secundário é mantido pela "introjeção" desses discursos, representada pelo Ideal do Eu que vem ocupar o lugar simbólico dos pais.

O drama do sujeito neurótico (Quinet, 2021), constitui o trágico do amor: “o sujeito ama e quer ser amado pelo Outro e se sente ameaçado por um outro (que encarna seus ideais) rival que ele teme que o Outro ame. Isso ocorre porque o sujeito sempre encontra um outro que encarna o eu ideal com os atributos que gostaria de ser e ter, para ser amado pelo Outro. O sujeito personaliza no outro o lugar do Outro, a quem endereça o seu amor e por quem se apaixona.

O Outro é um solar do amor. Ao articular a fala, o lugar do Outro aparece, e esse lugar é transferido a quem endereço minha fala, que é também minha demanda... de amor. Ao falarmos estamos demandando. A demanda é sempre demanda de

amor: demanda de presença, demanda de provas de amor. E o amor demanda amor. (Quinet, 2021, p.26).

A fala, ao instituir o Outro do inconsciente, também faz surgir o Outro da transferência, lugar que o analista é chamado a ocupar. O Outro surge como lugar encarnado no analista, que media, apazigua as relações imaginárias com o outro, mas que também é o Outro do amor de transferência.

Lacan (1998) denomina o grande Outro como o lugar do "tesouro de significantes". É prévio ao sujeito, pois antes mesmo de seu nascimento já é nomeado, é atribuído um gênero, expectativas são criadas sobre seu futuro, entre outros valores, preconceitos e numa cultura. Tudo isso constituirá o Outro para ele. O lugar do Outro é, inicialmente, ocupado pela mãe da criança. Para que a criança possa se apropriar dos significantes e assumir a posição de sujeito na ordem simbólica, é indispensável a introdução da Lei – o Nome-do-Pai – no campo do Outro.

O Nome-do-Pai não é necessariamente o pai ou genitor, mas a função paterna tal como é internalizada e assumida pela própria criança (Nasio, 1997). É qualquer expressão simbólica e significativa que venha ocupar o lugar da metáfora do desejo da criança ou da mãe. Trata-se da lei que representa para a mãe a proibição de usar a criança como seu objeto, e para a criança a demonstração que a mãe também está submetida a uma lei que a ultrapassa. Segundo Quinet (2021), o Nome-do-Pai é um significante estruturador de todos os significantes que constituem o inconsciente como discurso do Outro.

A introdução do Nome-do-Pai no lugar do Outro barra o acesso do sujeito ao gozo e ele só poderá ocupar o lugar de objeto do gozo do outro por meio da fantasia. Dessa forma, o Outro, como lugar dos significantes, se torna o Outro como lugar da Lei. Para Nasio (1997), esse processo resulta na instauração de uma falta, o que Freud chamou de castração.

O Outro não constitui um universo completo, e sim furado (Quinet, 2021), pois falta um significante que o torne um conjunto totalizador de todos os significantes da linguagem. Isso quer dizer que o inconsciente, entendido como discurso do Outro, é formado por uma sequência interminável de significantes, sem um ponto final que defina um sentido completo, já que sempre é possível acrescentar mais um significante à cadeia.

Na inscrição da falta no Outro do inconsciente, o sujeito se desaliena do Outro do simbólico pois esse que o determina não tem o significante que designa seu ser. O Outro é barrado e isso o torna inconsciente e separado do sujeito.

O Outro, além de ser o lugar do significante, é o registro do simbólico. O simbólico não é o simbolismo, ele é o furo, o equívoco. É o simbólico que é o material próprio de uma análise pois um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa que ele próprio. O simbolismo é quando uma coisa representa outra e não tem semelhança com ela. O simbólico é uma coisa que ocupa o lugar da outra que nada tem a ver com ela.

Ao introduzir o conceito de simbólico, Lacan (2005) sugere que seja pensado na palavra, servindo como senha. Apesar dela designar alguma coisa, ela é escolhida sem considerar sua significação: é uma marca que se tem e se diferencia das outras, mas que em si não tem sentido. Essa seria a maior propriedade do registro simbólico: marcar e diferenciar. Ele cria e opera diferenças, ao contrário do imaginário que não sustenta diferenças.

No entanto, há sempre algo que escapa à estruturação simbólica. Enquanto o simbólico tenta organizar e dar sentido ao mundo, há outro registro – o real – que fica fora dessa organização, aquilo que resiste à simbolização. Há sempre algo que permanece fora do alcance do simbólico e, portanto, da compreensão e da nomeação.

3.3 Real

Lacan (2003) define o real como aquilo que surpreende, que marca o impossível e o que escapa ao sentido. É o que não cabe em nenhum lugar e ainda assim volta sempre no mesmo lugar. Pode-se pensar em alguém dizendo que sonhou com uma pomba branca, sem entender o que motivou isso. Alguém responde que a pomba branca simboliza a paz. Nisso, a surpresa se foi e o real foi definido. É um exemplo para demonstrar que aquilo que emerge do inconsciente, perde o elemento de surpresa ao tornar-se consciente. Aqui está presente o objeto *a*, o objeto causa do desejo, que apresenta-se na fantasia e é vivido pela angústia quando a falta se manifesta.

No artigo de Carvalho e Kubrusly (2007), o uso do jogo do par-ou-ímpar mostra como a imprevisibilidade do real causa surpresa no sujeito. É um jogo simples que não envolve estratégia, pois não há como prever quantos dedos serão mostrados pelos

jogadores. Mesmo com partidas sucessivas, não se pode prever resultados. Cada partida é um evento singular e independente e o resultado é dado pelo acaso. Neste sentido, os autores afirmam que o real pode ser assemelhado ao resultado do jogo do par-ou-ímpar. A imprevisibilidade do real é similar ao resultado desse jogo no qual os jogadores são tomados pela surpresa do resultado.

Miller (2003) através do real, apresenta a oposição entre uma análise que começa e uma análise que se prolonga. São dois tempos: a surpresa ao se deparar com o real no início e depois o real se repete no mesmo lugar, é quando o trabalho psicanalítico passa a ser a construção de uma saída.

Vanier (2005) conta sobre quando Freud observou seu neto de um ano e meio diante da ausência da mãe. Embora o garoto fosse apegado à mãe, não chorava quando esta se distanciava durante algum tempo. Freud observou que ele tinha o hábito de jogar vários objetos para longe de si durante a tal ausência. Ao lança-los, emitia um som de satisfação: “fort” (sai). Em outro momento, observa a brincadeira completa, na qual o garoto lança um carretel amarrado a uma linha para longe e em seguida puxa até si dizendo “da” (vem cá), demonstrando que esse era o jogo completo: o desaparecimento e o retorno.

Freud (1996) interpreta essa brincadeira como uma manifestação de renúncia à pulsão, pois permite à criança suportar a ausência de sua mãe. Essa brincadeira introduz uma simbolização primordial das ausências e presenças da mãe e essa simbolização ocorre através da linguagem. Lacan destaca dois pontos: de um lado está a constituição do sujeito – a criança indica ter uma posição subjetiva separada do Outro, da mãe –, do outro está o carretel como um objeto que representa a mãe mas também um objeto que a criança vê como tendo sido arrancada de si.

Nessa operação, o objeto adquire uma função de marca da falta, ao mesmo tempo que permanece: “a esse objeto daremos posteriormente seu nome de álgebra lacaniana – o pequeno *a*” (Lacan, 1998). Assim, a repetição da ausência da mãe é a causa da divisão do sujeito. A primeira perda, com a simbolização, permite ao mesmo tempo colocar o sujeito dividido e instaurar o que Lacan chama de objeto *a*.

Vanier (2005) detalha o termo objeto etimologicamente: aquilo que é colocado diante, e por extensão, aquilo que afeta os sentidos; ele implica então um correlato, isto é, aquele diante de quem esse objeto é colocado ou aquele que é afetado por ele. Supõe a

noção de sujeito, ou seja, aquele é colocado abaixo, que é subordinado. Lacan subverte esse termo dado que o sujeito da psicanálise é um sujeito barrado, subordinado ao significante, representando na cadeia significante sem nela figurar e ao mesmo tempo irreduzível por um significante enquanto tal. O sujeito do inconsciente é um sujeito sem totalidade.

O real não é realidade, mas a experiência onde o simbólico não consegue acessar. Ele não é um dado concreto, não há significantes existentes para transmitir o real, ele escapa e traz surpresa. Na experiência analítica, é necessário capturar fragmentos do simbólico que irão causar surpresa sem necessariamente serem mergulhados no sentido. Como afirma Miller (2003): “Na análise entra-se nas palavras pelo lado do sentido para fazê-las tocar no real”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traçou um percurso entre o pensamento trinitário e a formulação lacaniana do Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.), explorando como a estrutura trinitária fundamenta tanto a linguagem quanto a subjetividade humana. Partindo da tradição teológica e filosófica, observou-se que Lacan desloca a noção de trindade para o campo psicanalítico, utilizando-a como base para compreender os processos psíquicos e suas tensões. O nó borromeano demonstra a interdependência entre os registros e a articulação essencial para sustentar a experiência analítica.

No processo psicanalítico, os três registros configuram dimensões complementares, mas também conflitantes do sujeito. Enquanto o Imaginário evoca identificação e alienação, o Simbólico organiza a linguagem e as leis sociais, e o Real marca o impossível e o que escapa ao sentido. Essa tríade, denominada por Lacan como “trindade infernal”, reflete a complexidade da condição humana.

Concluimos, portanto, que a abordagem lacaniana, ao integrar essas dimensões por meio da topologia, oferece uma visão inovadora para a compreensão da subjetividade. O R.S.I. é uma ferramenta para pensar a psicanálise em sua interface com a linguagem, o desejo e as experiências humanas. Essa tríade permite compreender os conflitos subjetivos, as articulações do desejo e o funcionamento do inconsciente, orientando tanto a teoria quanto a prática clínica nos caminhos tortuosos e infernais das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

- AMSTER, Pablo. **Notas matemáticas para ler Lacan**. São Paulo: Scriptorium, 2015.
- BASTOS, Angelica; JIMENES, Stella (org). **Nós e o Sinthoma**. Rio de Janeiro: ICP- RJ, 2021.
- BATTAGLIA, Laura. **A estrutura do psiquismo**. Viver Mente & Cérebro, Lacan: o grau zero da subjetividade, São Paulo, p.14-21, 2005. (Coleção Memória da Psicanálise, 4)
- CABRAL, Ricardo de Barros. **Amor: sinal que se muda de laço**. *Stylus (Rio J.)* [online]. 2016, n.32, pp.65-75. ISSN 1676-157X.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FARIA, M. R. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan**. São Paulo: Toro Editora, 2021.
- FREUD, Sigmund. (1900) **A Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____ **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- _____ **“O Ego e o Id”**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol.19.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____ **Nomes-do-Pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____ **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____ **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ **O Seminário, livro 15: O Ato Psicanalítico.** Tradução não publicada.

_____ **O Seminário, livro 22: R. S. I.** Tradução não publicada, 1975.

_____ **O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bevue s' aile a mourre.** Inédito, 1977.

_____ **Os complexos familiares na formação do indivíduo:** ensaio de análise de uma função em psicologia (M. A. Coutinho Jorge & P. M. da Silveira Jr., trans.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

_____ **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

_____ **Seminário de Caracas.** 1980.

LAFONT, J.G., **A Topologia de Jacques Lacan.** tradução autorizada da segunda edição francesa, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1990.

MELO, M.I.A., **Lacan e a Topologia: Um retrato da Matemática sob um olhar da Psicanálise Lacaniana.** Dissertação (Mestrado em Ciências em História das Ciências e das Técnicas em Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 102, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. **“A formação do analista”**, Opção lacaniana n. 37, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27.

_____. **Matemas I.1** ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1996.

_____. **Percursos de Lacan: uma introdução.** Rio de Janeiro: Artes médicas, 1987.

MONTEIRO, Marli Piva. **A topologia de Lacan.** In: Revista Estudos de Psicanálise, n. 41. Belo Horizonte. Julho, 2014, p. 133–140.

NASIO, J.D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Os outros em Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Jacques Lacan:** esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução: Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix 2006.

SIMÕES, A. **O Litoral d'Aporia: uma introdução à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VANIER, Alain. **Lacan**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.